

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA**

RAMILDA DA SILVA CARVALHO

O CORPO FABRICADO: uma análise da construção do corpo no mundo contemporâneo

São Bernardo- MA
2018

RAMILDA DA SILVA CARVALHO

O CORPO FABRICADO: uma análise da construção do corpo no mundo contemporâneo

Monografia apresentada na Universidade Federal do Maranhão - UFMA como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas- Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda

São Bernardo
2018

RAMILDA DA SILVA CARVALHO

O CORPO FABRICADO: uma análise da construção do corpo no mundo contemporâneo

Monografia apresentada na Universidade Federal do Maranhão-UFMA como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Ciências Humanas-Sociologia.

Monografia aprovada em ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Tedson Mayckell Braga Teixeira (1º examinador)
Universidade Federal do Maranhão

Prof^ª. Dr^ª. Alina Silva Sousa de Miranda (2º examinador)
Universidade Federal do Maranhão

Dedico este trabalho à minha família

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente.

Aos meus familiares: pai, mãe, irmãos, filhos, netos, a todos que próximo e distante, me deram combustível para seguir a diante, seja com palavras de incentivos, seja com conselhos valiosos de esperança.

Aos meus professores que me auxiliaram durante toda minha jornada acadêmica. Em especial a meu orientador, prof. Dr. Wandelson Silva de Miranda pela calma e compreensão por mostrar-me, sempre o melhor caminho, pelo estímulo e orientação, compromisso nas indicações e apontamentos dos trabalhos e por ter apresentado a riqueza de obras de autores com pensamento enriquecedor.

Aos amigos do grupo de estudos e pesquisa NEO-BIO, que desde o início estiveram presentes nas tardes de sexta-feira, fazendo dos encontros, caminhos a serem construídos, encontros e inquietações que compartilhamos enriqueceram o desenvolvimento do nosso trabalho.

Minha gratidão se desdobra aos amigos de ciências humanas/sociologia 2012, cúmplices nesta jornada acadêmica em especial à Maria Jucilene, Rafael, Keline, Rosalba e Benedito Reis, obrigado pela amizade. Agradeço pelo companheirismo, pois estiveram sempre presentes nos momentos de angústia e dificuldade. Grata pelos momentos de risos e descontração que se transformaram em grandes memórias.

“O corpo está em alta! Alta cotação, alta produção, alto investimento... alta frustração. Alvo do ideal de completude e perfeição, veiculado na pós-modernidade, o corpo parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma e da saúde perfeita, como estandarte de uma época marcada pela linearidade anestesiada dos ideais.”.

Maria Helena Fernandes, *Corpo*.

“O corpo é, simultaneamente, o elemento simbólico e o suporte material mais importante [...] a sua imagem está na moda e é lucrativa, além disso nunca esteve tão disponível para ser inspecionado, comparado, gozado e violado. Ele é, como diz Baudrillard, ‘o mais desejável objeto de consumo’ que, dada a sua extrema sensibilidade às variabilidades discursivas e conceptuais, se transforma na razão directa da fugacidade dos discursos que em torno dele gravitam. No entanto, apesar da sua superfície estar continuamente a ser refeita, na medida em que habita um território que tem a moda por emblema, há um núcleo que permanece e que lhe oferece um sentido. O corpo atravessa os discursos e metamorfoseia-se, mas não se dissolve”.

Paulo da Cunha e Silva, *O lugar do corpo*.

RESUMO

O seguinte trabalho intenta fazer uma análise sobre como o corpo é percebido no mundo contemporâneo frente às diversas formas de inovações no campo da indústria e da estética. Averiguando contextos emergentes que transitam sobre a corporeidade compondo-o e resignificando a existência do indivíduo. Dentro desse contexto é de suma importância à ênfase dada aos aspectos sociais e culturais que submetem a corporeidade a este montante de interferências externas que o recompõe e recombina como a si se faz a um mero objeto. Para isto, utilizaremos de diversas fontes bibliográficas que nos permitirão remontar esta averiguação a fim de compreendermos melhor esta empreitada totalizadora do domínio do corpo e, quiçá do próprio indivíduo. Pois ao ser re combinado com infinitas formas de modificação estética, a singularidade e/ou subjetividade do indivíduo tende a ser alterada também. Isso por que estamos a vivenciar um mundo com intolerância da *desigualdade social* sobre o corpo, onde somente uma minoria pode ter acesso a padrões de beleza, podemos dizer então que temos uma grande maioria de pessoas frustradas e insatisfeitas com seus corpos. A boa forma passa a ser considerada uma espécie de alto estima do indivíduo e que, o tempo todo vem sendo transformado moldado e com isso vem passando por diferentes transformações. Entender que, na maior parte das vezes, estabelecer com o corpo uma relação estética subordinada a padrões de beleza, evidencia que o corpo se mostra como fenômeno social e cultural.

Palavras-Chave: Corpo. Cultura. Contemporaneidade.

ABSTRACT

The following work attempts to make an analysis about how the body is perceived in the contemporary world in the face of the various forms of innovations in the field of industry and aesthetics. Finding emerging contexts that transit the corporeity by composing it and reframing the existence of the individual. Within this context, emphasis is placed on the social and cultural aspects that subject corporeality to this amount of external interference that recomposes it and recombine as if to a mere object. For this, we will use several bibliographic sources that will allow us to go back to this investigation in order to better understand this totalizing endeavor of the domain of the body and, perhaps, of the individual himself. For to be recombined with infinite forms of aesthetic modification, the singularity and / or subjectivity of the individual tends to be altered as well. This is because we are experiencing a world with intolerance of social inequality over the body, where only a minority can have access to beauty standards, we can say that we have a great majority of people frustrated and dissatisfied with their bodies. The good form happens to be considered a species of high esteem of the individual and that, all the time has been transformed molded and with this it undergoes different transformations. Understanding that, in most cases, establishing with the body an aesthetic relationship subordinated to beauty patterns, it shows that the body is a social and cultural phenomenon.

Keywords: Body. Culture. Contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. O SIMBOLISMO DO CORPO NA PERSPECTIVA CULTURAL	14
1.1. O corpo na modernidade: uma análise sociocultural.....	15
1.2. O corpo no espelho social.....	18
1.3. O renascimento de novas influências da religião	23
2. ENTRE CRISTIANISMO E CIÊNCIA: DISCORDÂNCIAS E NOVOS APONTAMENTOS	26
2.1. O misticismo cristão sobre o corpo: uma interpretação sagrada	26
2.2. A ciência e o corpo: dessacralização	32
2.3. Corpo na contemporaneidade: desafio reconfigurado.	35
3. CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E DESDOBRAMENTO	36
3.1. A moda como vitrine da performance corporal.....	36
3.2. A superficialidade como paradigma do corpo.....	39
3.3. A economia subjacente à corporeidade	41
CONCLUSÃO	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais somos bombardeados por discursos e formas de cuidados com o nosso corpo, no entanto, não questionamos como a existência individual passou a ser determinada por esse ideário somatocrático. O corpo afinal, parece ter se tornado um mero objeto que pode ser remodelado, e que a cada nova informação deve ser moldada para atender uma demanda circunstancial. Vivemos uma época em que é oferecido ao indivíduo uma variedade de informações e várias fontes de conhecimento, e com isso ele busca instrumentos que possam transformar o corpo e ao mesmo tempo se sentir bem consigo mesmo.

No mundo contemporâneo a forma estética condiz com a forma como o indivíduo sente sobre si, como ele enxerga o mundo. Comumente, observamos diariamente o cuidado que de certo tempo para cá as pessoas desenvolvem com sua corporeidade, desde as caminhadas matinais, aos finais da tarde até mesmo as idas às academias cada vez mais se intensificam.

O que cada pessoa busca pode ter proporções distintas, mas tem em comum o autocuidado, o discurso que apropriaram do saber médico. E isto, as motiva a buscar melhorias para o corpo, a busca por uma vida saudável, e para que isto ocorra, vale-se de incontáveis meios. Mas será que isto sempre existiu? Se pararmos para pensar esta noção de corpo é muito recente, quando voltamos nosso olhar para épocas anteriores, e vemos o quanto à corporeidade era tida com inferioridade. Mas, qual a lógica desta mudança? Porque os cuidados voltados para o corpo é uma construção social? E a quem interessa esta obstinação desregrada? Hoje mais que nunca o que você aparenta é tanto quanto mais importante do que aquilo que lhe embute como subjetividade.

E justamente por querer se enquadrar numa forma padrão vão-se buscar meios de modelizar sua forma estética. Este fator gera grandes proporções por existirem uma grande maioria de pessoas frustradas e insatisfeitas com seus corpos mediante a disseminação de ideias sobre o que é e como deve ser o corpo. Por isto, esta análise que fazemos pode abranger certa curiosidade e/ou reflexão daquilo que antemão pode ser algo tão singelo, porém pode nos conduzir a um período temeroso. Ao mencionarmos indivíduos insatisfeitos queremos alertar para os potenciais danos causados pela busca de um corpo fabricado e transformado no mundo vigente contemporâneo. A insatisfação corporal, por exemplo, constitui-se em tema que desperta cada vez mais interesse da comunidade científica, levando em consideração

questões relacionadas ao corpo na contemporaneidade, uma vez que temas como saúde, atividade física, cuidados corporais, estética, entre outros, têm aumentado no campo de interesse dos indivíduos.

A corporeidade é como se fosse a roupa e, por isso, deve apresentar uma combinação perfeita mesmo que seja necessário alguns truques que possam melhorar os resultados, é claro que a importância da imagem não pode ficar de fora. Contudo, o indivíduo moderno buscar o tempo todo forjar mecanismo de construção de identidade /imagem corporal na atualidade. Pois o corpo e a imagem é algo que cria toda uma formação simbólica e social no que tange a construção voltada para fabricação do corpo na sociedade contemporâneo.

Ao longo deste trabalho buscou-se fazer uma análise sobre as interferências sociais, culturais e econômicas têm sobre os corpos, e logo, para o próprio indivíduo, ao entendermos que cada momento histórico insere a corporeidade em diferentes esferas. Que vai desde sua interiorização até seu enaltecimento, e por fim a sua perspectiva lucrativa no mundo moderno. Este trabalho foi desenvolvido mediante as discussões do grupo de estudos NEO-BIO, buscando entender a corporeidade para além do maquinismo e da vã interpretação reificadora, principalmente nos moldes contemporâneos. Visto que, justamente por vivermos tempos volúveis, a própria caracterização do corpo não é algo estagnado. Pensar o corpo é sem dúvida um dos grandes desafios de quem se arrisca nesta empreitada. Uma reflexão onde o ponto de partida é dado pela ideia de que a cultura apropria-se do corpo biológico para redefini-lo em termos sociais e, assim, transformá-lo em corpo "cultural".

Diante da problemática levantada dividimos este trabalho da seguinte forma, no primeiro capítulo uma análise das dimensões simbólicas que permeiam sobre a figura do corpo. Dessa forma, propomos pensar a questão da formação e constituição da corporeidade em nossa atualidade. Em tempos em que a corporeidade mais do que um objeto de manipulação pode posicionar o indivíduo e o inserir socialmente.

No segundo capítulo, averiguamos como a religião e a ciência pensou-o. Entendendo que, ambas as interpretações, trouxeram para este momento emergente modos de entender a corporeidade e de produzir mecanismos de dominação. A saber, desde os primórdios do cristianismo é perceptível uma perspectiva transcendente na abordagem do corpo, isso se deve

porque em certo sentido o cristianismo herda aspectos da filosofia idealista platônica que, compreendia o corpo de maneira inferiorizada, chegando a encará-lo como a prisão da alma.¹

Tal influência reflete a compreensão cristã do corpo como fonte e lugar do pecado. Por este motivo, recaiu sobre o corpo uma necessidade incessante de domínio, ou seja, uma repressão dos desejos, dos prazeres e tudo aquilo decorrente dos instintos humanos. Por outro lado, observamos um movimento de valorização do corpo, mas limitado. No sentido em que, a ciência passa a buscar a compreensão natural do corpo. Por conseguinte, ela elabora uma concepção mecanicista, em outras palavras, compreende o corpo como algo natural, material e mecânico. Não deixando de lado a visão geral de vê-lo como mero objeto manipulável.

No terceiro capítulo procuramos fazer uma averiguação sobre a perspectiva que concebe o corpo como a base da grande indústria econômica, cosmética: o corpo é rentável. Nos últimos anos, o corpo não era tão valorizado como nos tempos atuais, por ser valorizado ele passa por profundas transformações, inclusive até o uso da tecnologia da ciência médica. No mundo moderno o principal responsável por mudanças radicais está sendo a medicina, com nova estrutura social, cultural e econômico que relaciona os desdobramentos instituídos pelas impressões impostas sobre o corpo: a saber, a moda, nos moldes atuais se utiliza no corpo e/ou impõe sobre ele um juízo de valor sobre como ele deve ser cuidado, vivido e experimentado. Para isto, foi fundamental estabelecer um diálogo com o pensador francês Gilles Lipovetsky e a historiadora Denise Bernuzzi de Sant'anna,

A boa forma passa a ser considerada uma espécie de alto estima do indivíduo e que, o tempo todo vem sendo transformado moldado e com isso vem passando por diferentes transformações. Entender que, na maior parte das vezes, estabelecer com o corpo uma relação estética subordinada a padrões de beleza, evidencia que o corpo se mostra como fenômeno social e cultural. Não atingir o modelo ideal do corpo, remete o indivíduo a perceber padrões exigentes de alto poder frente ao próprio corpo.

Logo, a impotência e a busca obstinada em corresponder aos padrões facilmente vendidos pelo nosso horizonte histórico parecem também ter se tornado uma fonte de lucros tendo em vista a ansiedade em torno dos cuidados com o corpo. Tal ansiedade deve ser constantemente reforçada pelo mercado, para que a mais durável demanda do consumo nunca sofra uma escassez.

¹ Concepção Platônica que terá um forte eco durante a idade média. Cf., LE GOFF e TROUNG. **Uma história do corpo na idade média**. p.11. Ver Bibliografia.

Em suma, os mercados de consumo estimulam, reforçam e se alimentam da mesma ansiedade que prometem reduzir com seus produtos. Portanto, o indivíduo contemporâneo parece considerar o corpo como objeto, e, com isso, parte o julgamento de uma beleza do corpo fabricado. Pensar a obsessão atual pela construção da aparência como espécie de resposta à instabilidade, que marcam a vida social nos ajuda a compreender a centralidade assumida pelo culto ao corpo na cultura contemporânea.

1. O SIMBOLISMO DO CORPO NA PERSPECTIVA CULTURAL

Neste primeiro capítulo analisaremos as dimensões simbólicas que permeiam sobre a figura do corpo. Averiguando o modo como as diversas construções simbólicas deste tornam-se algo emblemático, dessa forma, propomos pensar especificamente a questão da constituição da corporeidade em nossa atualidade². Assim, o corpo posiciona o indivíduo e o insere socialmente, sendo este um elemento de crítica transformadora das relações sociais estabelecidas pela cultura vigente.

Com a concepção de corpo fabricado procuramos abarcar questões históricas e contemporâneas no que se refere às relações designadas a cada grupo de pessoas. Tal concepção nos serve de apoio para entendermos como o nosso objeto de pesquisa permite distinguir diferentes aspectos do campo social. Atualmente os discursos sobre o problema do corpo e, em especial sobre a produção de conhecimento vêm desenvolvendo-se e adquirindo espaços na política, na sociedade e na cultura.

É interessante evidenciarmos que o significado do termo “corpo fabricado”, pressupõe a ideia de que a corporeidade é vista como aquele comportamento designado a cada grupo de pessoas, de uma determinada cultura. Desta forma, o que se pretende averiguar é que o significado do corpo contemporâneo é suscetível às influências sociais, políticas e culturais da atualidade.

Neste amplo cenário social no qual o corpo é o principal elemento tem-se discutido sobre as inúmeras investidas do poder sobre o corpo como um ente para além de sua dimensão biológica. Ou seja, é construído mediante sua inclusão sociocultural e influenciado pelos processos históricos.

Dessa forma, nossa preocupação investiga o problema do corpo contemporâneo, isto é, diante das diversas interações as quais tornam o corpo suscetível as influências sociais,

² São variados os panoramas do corpo na história. Ao longo dos anos fomos tecendo diferentes formas de pensar corpo bem como fomos construindo diferentes formas de nos relacionar com ele. Isto porque as questões que envolvem o corpo são susceptíveis a qualquer influência social, cultural, política e científica. Pensar o corpo mergulhado num contexto histórico implica um reconhecimento do mesmo para além de uma demarcação biológica pautada em um funcionamento orgânico. Um corpo que não pode ser aprisionado ou compreendido apenas pela delimitação da epiderme e sua rica fisiologia. Sabemos que, outrora, a nossa sociedade influenciada pela medicina dos humores acreditava que os mesmos constituíam os corpos vivos e toda natureza. Sabemos também que houve um avanço fenomenal no campo médico com o ato da primeira dissecação corporal, ainda no século XVI, onde nos permitimos ousar em descobrir possíveis causas das mazelas que assolavam a população da época. Desde então o saber médico, pautado em ciência e tecnologia, se revigora na tentativa de resolver os diversos problemas da humanidade. Neste cenário da busca pelo entendimento e possível controle do corpo, percebemos que desde a renascença o mesmo vem sendo progressivamente desvelado. (DANTAS, 2011, p. 899)

políticas e culturais as quais nos propomos a discutir e a destacar as influências que tornam o corpo um objeto de manipulações e de construções. Assim, a discussão sobre o corpo deve ser pontuada diante dessas significações, já que os mecanismos do poder visam definir e normalizar o padrão da corporeidade moderna dos indivíduos.

1.1. O corpo na modernidade: uma análise sociocultural

O termo conceitual nos permite entender a evolução pelo qual o corpo passou e como adquiriu esse status de excelência nos debates filosóficos, sendo este nosso elemento de pesquisa a ser discursivamente analisado, isto é, como se passou a problematizar o conceito corpo nos diferentes contextos e campos sociais.

Conforme Sant'Anna (2001) vem amplificar as questões que a sociedade e, em exclusivo, a academia de fato tem feito ao corpo, que de certa forma, este que passa a ser objeto de estudo a partir da década de 1970. Este fator trouxe a modificação da vida, por isso, quanto mais se pesquisa o corpo, mais ele se torna imenso, rompe-se com todas as fronteiras que lhe esteja ao seu alcance, o corporal não é mais uma única aliança, mas uma união entre os corpos.

Corpo é uma categoria de análise sociológica e histórica que nos permite compreender as relações sociais que estabelecem saberes para a diferença cultural, isto é, saberes que dão significados às diferenças corporais e que implicam numa organização social. Estes saberes não são absolutos, mas sim relativos a cada interpretação sociocultural:

No campo da História, o tema do corpo, envolto pela subjetividade, é preocupação recente. As evidências com o corpo, bem como a sexualidade, tornaram-se debate frequente na sociedade e fizeram emergir as problemáticas sobre o mesmo. (SANT'ANNA, 2001, p. 2).

Em meio a todos os debates atuais em relação ao corpo, percebemos como a aparência corporal surge como elemento importante dentro das interações sociais, atua como elemento coercitivo de como cada indivíduo deve cuidar de si³. No mundo contemporâneo, o corpo tem

³ “Na cultura ocidental, a resistência ao peso do corpo é antiga. Escapar da materialidade carnal, livrar-se dos "incômodos" da fisiologia, são sonhos que participam de receios humanos ancestrais. Este antigo desejo não cessa, contudo, de ser atualizado em diversos campos da ação humana, inclusive naquele dos esportes. Na medida em que o esporte foi utilizado como um excelente argumento terapêutico, por exemplo, podendo gerar mais saúde e bem-estar a quem o pratica, sua busca tende a ser, ao mesmo tempo, uma procura pela renovação do corpo e pelo prolongamento do tempo de vida. No lugar de se livrar do corpo, trata-se, portanto, de garanti-lo saudável. Ao invés de escapar da matéria, procura-se prolongar o seu tempo devido, controlar suas desordens

se configurado dentro de um espaço simbólico na construção dos modos da subjetividade. Nesta perspectiva, é possível certificar que essas técnicas que instrumentalizam o corpo ganharão outros sentidos, mas que de certa forma continuam vivas nestes espaços. Em um mundo com intolerância da desigualdade social sobre o corpo, onde somente uma minoria pode ter acesso a padrões de beleza, podemos dizer então que temos uma grande maioria de pessoas frustradas e insatisfeitas com seus corpos:

O corpo, na atualidade, parece assim se apresentar como uma síntese de desejo, ciência e tecnologia, a serviço do chamado bem-estar. Isto porque a tecnologia desenvolvida pela racionalidade científica e os valores e sentidos produzidos no mundo social agora constroem corpo. A indústria do culto ao corpo orienta perfeitamente o que devemos fazer para tornar o nosso corpo um modelo perfeito que obedece ao que se espera no mundo social. Esta indústria possui todo um aparato tecnológico adequado a cada situação, corpo ou bolso. Esta indústria opera a partir de uma lógica que transforma tudo em algo mensurável, pragmático e utilitário a fim de buscar uma resposta para a insatisfação crescente com relação ao corpo. O corpo contemporâneo precisa ser melhorado, ampliado, ajustado, modificado e, até mesmo, criado. Precisa de próteses químicas e de procedimentos de toda ordem que o tornem forte, belo e adequado ao cenário atual. O corpo parece ser um molde que se adapta às significações sociais. (DANTAS, 2011, p. 901- 902).

A insatisfação corporal constitui-se em tema que desperta cada vez mais interesse da comunidade científica, levando em consideração questões relacionadas a este na contemporaneidade, uma vez que, temas como saúde, atividade física, cuidados corporais, estética, entre outros, têm aumentado no campo de interesse dos indivíduos. Neste sentido, “Os dados advindos da sensibilidade corporal são a ocasião para uma ‘interpretação de signo’, para atos de reflexão e de construção de uma representação de mundo” (VERISSIMO, 2012, p. 164); O autor continua sua reflexão, ao dizer que “é, na perspectiva da consciência que o corpo próprio será abordado, e, nessa perspectiva, a função simbólica, como instrumento e análise, não permanecerá intacta”. (VERISSIMO, 2012, p.162).

internas, corrigi-las e, sobretudo, evitá-las. Mas, no decorrer da segunda metade do século XX, surgiram possibilidades técnicas e científicas inovadoras para a correção da materialidade fisiológica, e, principalmente dos gestos esportivos; um exemplo a este respeito está na atual possibilidade de análise da fisiologia e dos movimentos esportivos graças ao uso de tecnologias digitais. Desde os anos 60, com a utilização do vídeo e, em particular, do feedback, a correção dos gestos esportivos ganha novas oportunidades de expansão. Sabe-se que hoje, por exemplo, a tecnologia de ponta se manifesta não apenas nos acessórios e roupas mas, também, nas instalações esportivas e nos novos materiais, tais como as fibras de vidro, carbono, polyester, constituintes de vários equipamentos e instrumentos esportivos. Mas, ela se manifesta, também, na proliferação incessante das imagens do movimento esportivo e na virtualização do corpo real. Pois, com o casamento entre a informática e o vídeo foi possível aos esportistas e à sua equipe, filmar e ver, várias vezes, um mesmo gesto esportivo, ampliando, portanto, a possibilidade de melhorar a performance de cada um, mas criando, ao mesmo tempo, uma ação sobre o corpo feito de luz (imagem) que terá resultados imediatos sobre o corpo real”. (SANT’ANNA, Denize B. de, 2000, p.14).

A influência que o meio social, econômico e cultural exerce sobre as formas do indivíduo perceber o seu corpo e o do outro, produz sistematicamente os meios pelos quais ele incorpora as mudanças e hábitos que se tornarão o campo com o qual ele estabelece as trocas simbólicas e o circuito de interpretação das verdades condicionada por esse meio⁴:

A relação com nosso corpo parece estar sendo radicalmente modificada pelo fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, criando certa exaltação e supervalorização do corpo. O indivíduo parece ser responsável por sua aparência física por meio das várias formas de construções corporais hoje presentes no mercado – como as dietas, os exercícios físicos, os variados tratamentos de beleza e as cirurgias plásticas. E, assim, o corpo atual, ou seja, aquele que se encontra em consonância com os padrões de beleza contemporâneos que associam juventude, beleza e saúde apresenta-se como um valor fundamental na sociedade ocidental. (DANTAS, 2011, p. 900-901).

Contudo, a informação sobre o corpo é antes de tudo um modo de constituir a forma do corpo: o corpo necessário para um tipo determinado de política e de cultura. Logo, o cuidado demasiado coloca-o em uma situação de evidência que o condiciona a expressões anteriormente elaboradas e calculadas, a instrução sobre o corpo se concretiza, por fim, na sua instrumentalização, pois a maior proporção desse conhecimento estabeleceu-se nas relações de poder e saber exercidas sobre a corporeidade.

Contudo, as dificuldades enfrentadas atualmente estão unidas no poder enraizado sobre a corporeidade. Desta forma, é possível afirmar que essas técnicas que instrumentalizam o corpo ganharam outros sentidos, mas que de certa forma continuam vivas nestes espaços: “Nesse sentido, deve-se salientar a necessidade de contribuir para instrumentalizar o saber psicanalítico para participar da atualidade do debate ético, que naturalmente se faz urgente face aos avanços da tecnologia a serviço do corpo”. (FERNANDES, 2011, p. 39).

O indivíduo quando adota desde cedo postura positiva quanto ao seu corpo, terá benefícios no futuro, pois será mais saudável e satisfeito consigo mesmo, logo, “O indivíduo parece ser responsável por sua aparência física por meio das várias formas de construções corporais hoje presentes no mercado – como as dietas, os exercícios físicos, os variados tratamentos de beleza e as cirurgias plásticas”. (DANTAS, 2010, p.3). A saber, o corpo e a imagem que transparece ao outrem é algo que cria toda uma formação voltada para

⁴ “Ao realizar este trabalho, a Cultura dita normas em relação ao corpo; normas a que o individuo tenderá, à custa de castigos e recompensas, a se conformar, até o ponto de estes padrões de comportamento se lhe apresentarem como tão naturais quanto o desenvolvimento dos seres vivos, a sucessão das estações ou o movimento do nascer e do pôr-do-sol. Entretanto, mesmo assumindo para nós este caráter ‘natural’ e ‘universal’, a mais simples observação em terno de nós poderá demonstrar que o corpo humano como sistema biológico é afetado pela religião, pela ocupação, pelo grupo familiar, pela classe e outros intervenientes sociais e culturais.”(RODRIGUES, 1975, p. 45).

configuração de seu aspecto não apenas corporal, mas seu status social. Em prol disso, o indivíduo moderno busca o tempo todo forjar mecanismos de construção de identidade/imagem corporal na atualidade:

A imagem da juventude, associada ao corpo perfeito e ideal – que envolve as noções de saúde, vitalidade, dinamismo e, acima de tudo, beleza – atravessa, contemporaneamente, os diferentes gêneros, faixas etárias e classes sociais, compondo de maneira diferenciada, diversos estilos de vida. E a fábrica de imagens – cinema, TV, publicidade – ao lado da imprensa escrita, tem, certamente, contribuído para isso. (CASTRO, 2007, p. 112).

Nesta dimensão, o corpo não pode ser compreendido como somente biológico, mas vem completamente imerso nas relações de experiência dos indivíduos e pelos processos de cultura que possam permitir a formação de uma corporeidade expressiva. Isto nos permite entender que, “A procura pela boa forma desconhece limites e refere-se a prazeres sequer imaginados, mas que devem ser alcançados, cedo ou tarde”. (DANTAS, 2010, p.6), a relação com nosso corpo parece estar sendo radicalmente modificada pelo fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, criando uma absoluta exaltação e supervalorização do corpo.

Através de relações de si para consigo e nas relações social entre indivíduo, assim buscar dignidade e cultivá-las, na construção e valorização de qualidade verdadeira com inconsciência e ordem com seu próprio corpo⁵. Comumente, foi essencialmente “a partir de meados do século XX que a atenção e a dedicação ao corpo se tornaram um direito e um dever incontestáveis, misturando-se aos preceitos de higiene e às novas necessidades de conforto”. (DANTAS, 2010, p. 4).

1.2. O corpo no espelho social

Outras discussões acerca dos paradigmas do corpo põem em destaque que além de um elemento primordial das interações humanas, coloca o homem frente a questões que

⁵ “Além disso, sabemos que, inspirado no seu próprio corpo, o homem concebeu relações entre os astros, as estações, as coisas, os animais e os deuses; reconhecemos no nosso corpo e no das pessoas que conosco se relacionam um dos diversos indicadores de nossa posição social e o manipulamos cuidadosamente em função desse atributo. Vemos, no nosso próprio dia-a-dia, o corpo se tornando cada vez mais carregado de conotações: liberado física e sexualmente na publicidade, na moda, nos filmes e romances; cultivado higiênica, dietética e terapêuticamente; objeto de obsessão de juventude, elegância e cuidados. “ (RODRIGUES, 1975, p.45-6).

condizem com uma nova etapa da vida humana, assim, “Além dos cuidados com o corpo em nome da saúde, o que se busca hoje com esse culto exacerbado é, no limite, o ajuste ao modelo de juventude e felicidade permanente que encanta a sociedade contemporânea”. (DANTAS, 2010, p.4,5).

A procura incansável por resposta imediata e o modo como nos relacionamos, parecem colocar o corpo num lugar privilegiado de contato com o mundo atualizado. Este, sendo objeto de investimento coletivo, suporte de ações e sentidos, motivo de alegria pelas práticas e discursos que sugerir:

De fato, o mundo globalizado parece ter colocado o corpo na ordem do dia. Contudo, isso não resultou necessariamente em produção de conhecimento. E, por isso mesmo, a moda do culto ao corpo demanda reflexão. Uma reflexão onde o ponto de partida é dado pela ideia de que a cultura apropria-se do corpo biológico para redefini-lo em termos sociais e, assim, transformá-lo em corpo "cultural". (DANTAS, 2010, p. 6).

Contudo, o fenômeno cultural contemporâneo é marcado pelo incentivo do individualismo e pela compreensão física de que o corpo é antes de tudo um objeto em *boa forma*. A *boa forma* passa a ser considerada uma espécie de autoestima do indivíduo, deste modo, percebe-se que, “O corpo contemporâneo precisa ser melhorado, ampliado, ajustado, modificado e, até mesmo, criado” (DANTAS, 2010, p. 4). Ininterruptamente o corpo vem sendo transformado, moldado e com isso vem passando por diferentes transformações, na maioria das vezes levando indivíduos à alegria profunda com a forma de seu corpo e em outros casos a situações psicológicas que levam o indivíduo a ver em seu corpo seu próprio inimigo. Entende-se com isso que na maior parte das vezes, passou-se a estabelecer com o corpo uma relação estética subordinada a padrões de beleza elaborados a partir das produções de gosto das grandes companhias. Sabe-se que grande parte dos indivíduos não se cansa de procurar a boa forma, proporções “perfeita” para atingir o ideal, um corpo individual, já que a imagem é tão importante, o indivíduo acaba se *perdendo* nas exigências sociais.

Não atingir o modelo ideal do corpo, remete o indivíduo a perceber padrões exigentes de alto poder frente ao próprio corpo. Logo, não obtendo a excelência da perfeição leva o sujeito a insatisfação do seu próprio corpo:

No entanto, ao mesmo tempo em que há essa busca incessante para adquirir um corpo individualismo, o indivíduo acaba por se perder nas exigências do social. Trata-se da busca por um ideal inatingível, já que as imagens de indivíduos são tão perfeitas que

parecem não humanas; assim essa procura por esse ideal leva o sujeito à insatisfação, devido à impossibilidade de se atingir tal padrão. (DANTAS, 2010, p. 7).

Isto implica em entendermos, que a coerção sofrida pelos indivíduos influencia na forma como ele mesmo se vê, o que o motiva a transforma-se superficialmente condiz com a vontade do outro, então, sempre o contexto social tende a disseminar sobre as consciências formas padrões de como se comportar, de como obter uma forma corpórea específica. Desse modo, “o culto ao corpo aparece como alvo de censura dos entrevistados à medida que em seus discursos negam, ou mencionam ironicamente, não compartilhar desta busca pelo corpo considerado perfeito”. (SILVA; SILVA; LÜDORF, 2015, p. 678).

Por conseguinte, o corpo é uma categoria de análise sociológica e histórica que nos permite compreender as relações sociais, em um mundo com intolerância da desigualdade social sobre o corpo, onde somente uma minoria pode ter acesso a padrões de beleza. A distinção não se pauta no conceito de classe, como no velho marxismo, mas no acesso à juventude indefinida, aos remédios, às cirurgias, aos melhoramentos estéticos, saúde, etc.,

Podemos dizer então que temos uma grande maioria de pessoas frustradas e insatisfeitas com seus corpos. Porém, o cuidado e conhecimento sobre o corpo é constituído na formação da constituição da corporeidade. As dificuldades enfrentadas atualmente estão unidas no poder enraizado sobre a corporeidade. A corporeidade é como se fosse à roupa e, por isso, deve apresentar uma combinação perfeita mesmo que seja necessário alguns truques que possa melhorar os resultados, é claro que a importância da imagem não pode ficar de fora⁶.

Nesta dimensão, o corpo não pode ser compreendido como somente biológico, mas vem com vantagem nas relações de experiência pelo indivíduo e pelos processos de cultura que possam permitir a formação de uma corporeidade expressivo, através de relações de si para consigo e nas relações social entre indivíduo. O culto ao corpo demanda reflexão, na qual o ponto de partida é dado pela ideia de que a cultura apropria-se do corpo biológico para redefini-lo em termos sociais e, assim, transformá-lo em corpo "cultural".

⁶ As globalizadas sociedades de consumo parecem atribuir aos indivíduos a responsabilidade pelo cuidado e pela plasticidade de seu corpo. Todas as condições técnicas necessárias são oferecidas para que possamos administrar nosso corpo com as opções disponíveis no mercado. Com um pouco de esforço e trabalho físico, homens e mulheres são diariamente persuadidos a alcançar a aparência desejada, mesmo que para isso sejam necessários exercícios intensos, cirurgias plásticas e dietas radicais – como pregam os diversos meios de comunicação vigentes. E, assim, o corpo se configura quase como um detalhe biológico tecnicamente controlável. (DANTAS, 2010, p. 902).

Logo, a impotência e a busca obstinada em corresponder aos padrões facilmente vendidos pelo nosso horizonte histórico parecem também ter se tornado uma fonte de lucros tendo em vista a ansiedade em torno dos cuidados com o corpo. Tal ansiedade deve ser constantemente reforçada pelo mercado, para que a mais durável demanda do consumo nunca sofra uma escassez. Em suma, os mercados de consumo estimulam, reforçam e se alimentam da mesma ansiedade que prometem reduzir com seus produtos:

A boa forma passa a ser considerada uma espécie de melhor parte do indivíduo e que, por isso mesmo, tem o direito e o dever de passar por todos os lugares e experimentar diferentes acontecimentos. Mas aquilo que ainda não é boa forma e que o indivíduo considera “apenas” o seu corpo, torna-se uma espécie de mala por vezes incomodamente pesada, que ele necessita carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la. Durante séculos o corpo foi considerado o espelho da alma. Agora ele é chamado a ocupar o seu lugar, mas sob a condição de se converter totalmente em boa forma. (SANT’ANNA, 2001, p. 108).

A saber, o indivíduo contemporâneo parece considerar o corpo como algo sólido, ou seja, postos esses ideais pela sociedade contemporânea. E com isso, parte o julgamento de uma beleza do corpo fabricado. Pensar a obsessão atual pela construção da aparência como espécie de resposta à instabilidade, que marcam a vida social nos ajuda a compreender a centralidade assumida pelo culto ao corpo na cultura contemporânea.

Em suma, há décadas que a disciplina histórica traz a ideia de que o corpo pertence à natureza e não a cultura. A ênfase do corpo tem uma história, pois faz parte da história. Constitui até como todas as estruturas econômicas e sociais ou as representações de certo modo, uma espécie de produto e agente. No entanto, a expressão corpo fabricado, é empregada para designar o conjunto de mudanças para a construção do sujeito, que muito devem a outras transformações sociais, “Adicionalmente, nota-se a ideia de uma considerável influência dos padrões de corpo estabelecidos pelos meios de comunicação a respeito da imagem corporal a ser construído”. (SILVA, SILVA, LÜDORF, 2015, p. 677).

O corpo é um sistema do ideal de perfeição, algo veiculado na modernidade, o corporal parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da boa forma perfeita. Em suma, um ideal de perfeição que se busca insistentemente alcançar, mas, o corpo não é só perfeição, porém frequentemente apontado como fonte de frustração e sofrimento, constituindo-se como meio de expressão contemporâneo.

Porém, essa problemática interna vem migrando constantemente para o corpo, a ênfase na corporeidade parece sugerir que a plataforma dos conflitos que existe fora do indivíduo. As problemáticas corporais, a medicina vem resolver a ideia de perfeição que o

indivíduo tanto espera. O indivíduo quando adota desde cedo essa postura positiva quanto ao seu corpo, terá benefícios no futuro, pois será mais saudável e satisfeito consigo mesmo:

[...] Apontando a forma de apresentação (incluindo o vestuário, consumo de cosmético e higiene pessoal, cuidados e manipulação com o corpo), como uma das mais importantes formas de distinguir-se, ao lado do consumo alimentar e do consumo cultural. (CASTRO, 2007, p. 139-140).

Neste contexto, o indivíduo contemporâneo parece configurar o corpo como algo que amplia a construção da subjetividade e a incorpora como algo sólido, ou seja, uma demanda imposta por esses ideais pela sociedade, neste sentido, “Dietas, regimes e atividades físicas regulares serão os principais recursos adotados pelos indivíduos para tornarem ou manterem seus corpos adequados ao projeto de construção de identidade”. (CASTRO, 2007, p. 139).

Essa concepção nos leva a pensar a obsessão atual de objetivar construir uma aparência como espécie de resposta à instabilidade, que marcam a vida social nos ajuda a compreender a centralidade assumida pelo culto ao corpo na cultura contemporânea. Em suma, o corpo torna-se disciplinado através de discursos, estratégias, enfim, dá-se ênfase ao corpo como uma construção histórica.

O corpo é um sistema que denota certo ideal de perfeição, algo veiculado à modernidade, o corporal parece servir de forma privilegiada, por intermédio da valorização da magreza, da forma perfeita. Um ideal de perfeição que se busca insistentemente alcançar, mas, o corpo não é só perfeição, porém, frequentemente apontado como fonte de frustração e de sofrimento, constituindo-se como meio de expressão. Porém, essa problemática interna vem migrando constantemente para o corpo, a ênfase na corporeidade parece sugerir que existe uma plataforma de conflitos externa ao indivíduo. A preocupação que todos os sujeitos têm com seu corpo demonstra como esta realidade imposta tem gerado um consumo excessivo de artifícios usados no corporal para tratamento de beleza, idealização de padrões de beleza, o belo, o perfeito. Cria-se toda uma dinâmica, onde se busca inclusive uma nova identidade, beleza e estética:

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência torna forma através da fisionomia singular de um ator. (LE BRETON, 2007. p. 7).

A mudança corporal é hoje vista como sistema simbólico, principalmente no que se refere ao corpo. Por isso, a procura para chegar e estabelecer o corpo fabricado repercute em buscar técnicas para estar sempre perfeito, nem que seja, preciso modificar radicalmente cada parte de sua corporeidade. Contudo, tal mudança só é possível pela grande quantidade de tratamentos que estão a mercê do ser humano. Logo, o corpo é um dos principais elementos de relações sociais na contemporaneidade, portanto, as esferas sociais colocam inúmeras técnicas e tratamentos que prometem transformar o “corpo fabricado”. Assim, o corpo indesejado pelos indivíduos implica a busca e o uso de técnicas para manter a forma corporal desejada:

O corpo parece explicar-se a si mesmo, mas nada é mais enganoso. O corpo é socialmente construído, tanto nas suas ações sobre a cena coletiva quanto nas teorias que explicam seu funcionamento ou nas relações que mantém com o homem que encarna. (LE BRETON, 2007. p. 26).

Conservar a corporeidade é ótimo, porém essa compulsão de querer permanecer com o corpo belo torna necessário repensar o corporal hoje, não apenas para refletir sobre o corpo, mas também a própria condição humana. Então, é necessário pontuar que é preciso impor limites para não exceder os limites do corporal, pois os usos excessivos de técnicas utilizadas podem trazer reações adversas. Assim, com o aumento em resgatar esse corpo, gera uma nova dominação capitalista capaz de modificar as relações do ser humano com o corpo para poder sentir-se bem consigo mesmo. Desse modo, o investimento sobre o corpo adquire um perfil aceito, pois em certo caso, algumas das principais transformações corporais podem ser percebidas e questionadas pela sociedade:

No fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado. E pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição por excelência do campo simbólico. (LE BRETON, 2007. p. 31).

No ponto de vista, o hábito da sociedade intervém em trazer reação de privilegio, e com isso ganhar vantagem. Logo, o principal porte humana é o ponto onde se cruzam a qualidade da cultura, pois em certo ponto é privilegio por ser excelente no campo simbólico.

1.3. O renascimento de novas influências da religião

Inicialmente devemos lembrar-nos da concepção religiosa cristã que estabeleceu uma figura do corpo⁷, com práticas pré-fixadas e interdições impostas no correr da vida. Segundo Alain Corbin (2012a, p. 57), a prática religiosa, especialmente no século XIX, prescreveu um número muito amplo de definições fisiológicas e simbólicas, gestos, rituais, sexo, estavam bem definidos dentro da cultura ocidental. A igreja buscava identificar e justificar as coibições e licenças estabelecidas a partir do *corpus* religioso, ou seja, justificava a soberania do poder da Igreja sobre os corpos a partir de leis transcendentais que na realidade repugnavam, ou condenavam as relações carnis, a fisiologia e a natureza do corpo humano. Nesta perspectiva. A igreja sob esta cultura herdada no século XIX mantinha o direito a assistência religiosa de proteger os católicos, pois para eles a igreja era a figura de Cristo que forma o corpo onde reúne os vivos e os mortos, assim, suas vidas o constituíram:

[...] nosso século XXI perdeu o contato com esse tempo próximo a nós, mas longe do qual nós derivamos, com o risco de não mais compreendê-lo. É-nos necessário, portanto, fazer um esforço especial de empatia. Tudo que diz respeito ao corpo, em relação á religião católica, leva, parece-nos, a marca dessa estranheza. (CORBIN, 2012a, p.59).

A saber, essa colocação corresponde ao fundamento das estratégias da Igreja, a maneira como se dava a apreensão dos católicos, ou seja, sob a forma do poder do grau de sua fé. Pois para a religião a legitimação do poder dependia da proteção, do cuidado com as manifestações dos fiéis, isto é, o seu poder os influenciava:

Lembrar esses pouco dados fundamentais da sensibilidade religiosas e do imaginário do corpo era indispensável antes de explorar as práticas somáticas induzidas por esse conjunto de crenças, enraizados com maior ou menor solidez. (CORBIN, 2012a, p. 64).

Todavia, o catolicismo era visto como um fenômeno que, por sua influência, obtinha um domínio simbólico do corpo. De certa forma, este representava um risco aos olhos dos católicos, mas ao mesmo tempo lhe dava segurança:

⁷ “A igreja da Contrarreforma reforçou a desconfiança que o magistério já havia manifestado nos séculos medievais a respeito do corpo, ‘esta abominável veste da alma’. Corpo depreciado do ser humano pecador, pois se ouve incessantemente dizer que é pelo corpo que ele corre o risco de perder-se. O pecado e o medo, o medo do corpo, principalmente o medo do corpo da mulher, retornam como uma ladainha sob forma de precauções ou de condenações. As tentações espreitam o ser humano desde a queda, e a permanência do tema pictórico das tentações de Santo Antão e de São Jerônimo expressa bem a vontade de lembrar sem cessar que a carne é fraca e que cada um, seja qual for sua condição ou sua força d’alma, jamais está seguro de não lhe sucumbir. Pois, mais do que de corpo, é precisamente de ‘carne’ que se fala; assim, o desejo sexual é ‘agulhão da carne’ e a relação sexual obra da carne, ‘comércio carnal’. Mesmo quando se usa uma linguagem mais elegante – por exemplo ao falar de ‘abraços’ – o que se quer designar é sempre um corpo bem concreto e conotado. O corpo, lugar e aposta da experiência religiosa”. (GÉLIS, 2012, p. 20).

O catolicismo ordena, enfim, de acordo com a mensagem evangélica, que o fiel olhe com compaixão o corpo sofredor ou miserável, que não evite seus estigmas nem esqueça os riscos que as atitudes de reserva e segurança poderia causar. (CORBIN, 2012a, p. 94).

De qualquer modo, a mensagem sustentava os fiéis com fins de respeitar a ordem ordenada pela igreja. As ordens se encontram nas regras formuladas pelo catolicismo. O modo como o poder religioso e espiritual surge ao longo da história do cristianismo e tem como combate permanente a preocupação com domínio da natureza do corpo. De qualquer forma, nestas considerações a existência de uma centralidade e visibilidade do poder da Igreja demarca a posição da soberania, mantendo-a superior a corporeidade. O corpo físico era condenado por enclausurar a alma, fazendo com que ela não chegasse ao céu. Explanado alguns apontamentos que norteiam a concepção religiosa sobre o corpo, introduziremos colaborações mais plausíveis de entendimento referente a este assunto.

2. ENTRE CRISTIANISMO E CIÊNCIA: DISCORDÂNCIAS E NOVOS APONTAMENTOS

Neste capítulo analisaremos a importância da concepção religiosa na constituição do corpo, a saber, era tido como um local de pecado. Esta concepção de inferioridade do corpo introduziu-o adentro de uma interpretação que não lhe arrebatava por inteiro. Em seguida, faremos um contraponto desta menção desenvolvida pelo aspecto religioso, que é a percepção científica que em contrapartida transforma o corpo como um objeto passível de estudo e modificações.

A partir desta compreensão, o entendimento sobre a corporeidade se tornou bastante abrangente e lhe rendendo grandes embates teóricos, devido a isso, já não é possível falar do corpo e de seu funcionamento sem que recorressem aos apontamentos médicos. A ideia de que a visão científica pode-se imaginar como soluções do corpo e da doença, a saber, essa qualidade do corpo de imediato se transforma em uma exata complexidade de um objeto de estudo.

Portanto, ao discorrer do corpo supõe-se enfrentar com indecisos corpos: o corpo fisiológico, o corpo histórico, o corpo bioquímico e, certamente o corpo da ciência e o corpo religioso. É exatamente esta amplitude sobre como entendê-lo que nos interessa. Diante dessa visão, poderia pensar a problemática da discordância do corpo pelo o viés do conhecimento. Nesse duplo plano epistemológico a transparência da implicação da ação do corporal vira-se um novo apontamento de religião e de corpo social.

2.1. O misticismo cristão sobre o corpo: uma interpretação sagrada

A religiosidade sempre teve grande influência sobre a forma com que a sociedade vê o mundo e também o corpo, a esse respeito, o cristianismo foi responsável em parte, pela concepção de corpo que ainda perdura, ainda que tenha algumas modificações se formos analisar em atuais circunstâncias. Durante a Idade Média, as representações do corpo estavam guiadas, como em demais épocas, pelas convicções do Cristianismo, que regiam até mesmo o Estado. A saber, dentro da estrutura social todas as condutas dos homens eram determinadas como boas ou ruins através dos dogmas estabelecidos, em contrapartida, “[...] o corpo é glorificado no cristianismo medieval. O acontecimento capital da história – a encarnação de

Jesus – foi o resgate da humanidade pelo gesto salvador de Deus, tomando um corpo de homem” (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.12). Até esse momento histórico era o corpo o elo da salvação do homem, ainda que por outro lado, o corpo representa o pecado da carne.

Contudo, nesta época a Igreja era o principal lugar onde as pessoas podiam partilhar momentos religiosos como também de prazer (festas populares, grandes refeições). Era um espaço religioso que recebia festas, nestas ocasiões se observava uma certa liberdade de expressão do corpo, visto que, nesse momento a interpretação do corpo não era de todo mal.

Isto nos traz à baila que nem sempre a igreja foi da forma como aprendemos a interpretar na contemporaneidade, no que tange a separação entre o profano e o sagrado, que não se pode falar em voz alta, que deve-se inclinar a cabeça como forma de respeito. Existia, portanto, outra atmosfera da igreja. Apenas posteriormente, é que nossa sociedade toma novas estruturas, e passa a ser totalmente absorvida pelo domínio da igreja:

São os Padres da Igreja que introduzem e fomentam essa grande reviravolta conceitual, com a instauração do monaquismo. "O ideal ascético" conquista o cristianismo por meio de sua influência na Igreja e se torna o pilar da sociedade monacal, que, na alta Idade Média, buscará se impor como o modelo ideal da vida cristã. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.37).

Quanto à cristandade, tanto a dor quanto o sofrimento tinham na verdade um grande valor, pois acreditava que estes poderiam levar à expiação dos pecados e ainda à salvação. Por isso, o martírio, se apresenta como “[...] um privilégio de uma pequena minoria de eleitos” (GÉLIS, 2012, p.74). Ou seja, um corpo (carne) debilitado é concebido como algo que fortalece espiritualmente. Isto afinal é o que mais importava, ter um espírito forte, já que não é possível ter corpo e alma igualmente fortes. Assim, na busca deste fortalecimento do corpo, os cristãos colocavam seu corpo diversas circunstâncias de risco à saúde como forma mais eficaz de conseguir a elevação espiritual: uma aproximação de Deus:

Mas o que também se exprime em torno da devoção ao de Cristo é o desejo de uma religião mais pessoal, que transforme os seres humanos; uma religião na qual, pela oração mental e pela adoração do santíssimo sacramento, os fiéis possam sentir-se participar mais no combate pela salvação. (GÉLIS, 2012, p.46).

O modo como a Igreja restringia o acesso ao conhecimento da letra (a Bíblia) era, no entanto, desproporcional ao modo como ela insistia nas práticas espirituais, exercícios, penitências, restrições alimentares, incentivava ao vulgo as ascese rigoroso, eram intensamente propagadas, pois é um modo pelo qual se domestica o corpo. Tornar exclusivamente para si a religião cristã, e, mesmo assim não se preocupava e nem se

interessava de ensinar o povo, mas de deixá-lo cheio de veneração, de advertir ao público sobre os métodos e a doutrinas, mas apenas de forma vaga, tal orientação litúrgica proporcionava um meio de manter o controle:

Não lhes bastou delirar em relação aos gregos, eles também o fizeram em relação aos próprios Profetas. O que prova bem claramente que eles não viram a divindade da Escritura", sublinha Espinosa a propósito desses oradores da Igreja que monopolizaram a religião de Cristo e "dos quais nenhum tinha o desejo de instruir o povo, mas de embriagá-lo de admiração, de repreender publicamente os dissidentes, de ensinar apenas coisas novas, insólitas, próprias para encher o vulgo de espanto". (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.51).

A partir do direito da igreja, o qual concedia o fortalecimento do dogma e o rigor crescente da disciplina. A saber, a estratégia da igreja sob a forma do poder ditas cristãs se dava pela apreensão do cristianismo e seus ensinamentos que revela no evangelho como um seguimento acompanhado de manifestações, que eram em ritos como forma de penitência. Sob a trajetória dos movimentos de flagelação, comumente esta era a figura de corpo cristã do cristianismo:

Tendo também como pano de fundo a invocação da Paixão de Cristo, a flagelação na Idade Média quase sempre encontra hostilidade por parte da Igreja. Manifestações leigas e populares, os movimentos de flagelação eram uma espécie de peregrinação executada carregando-se uma cruz ou um estandarte, pés descalços, o corpo semidesnudo, em meio a aclamações e cantos sagrados. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p. 56 - 57).

A prática religiosa partia da compreensão na Idade Média que quase sempre era hostil por parte da igreja ortodoxa. Uma visão, na qual, a igreja preserva-se para garantir os seus direitos que identificavam como leigas e populares.

A abstinência e o jejum dão o ritmo, portanto, do "homem medieval". O domínio do corpo é acompanhado do domínio do tempo, que, como o espaço, é uma categoria fundamental da sociedade hierarquizada da Idade Média. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.56 - 58).

Todos os tipos de privações, castigos se remetiam a corporeidade visto que, é o corpo a representação da inferioridade e sinal de aproximação com o divino. Assim, podemos entender que o homem medieval vivia em constante abstinência, nesse ponto de vista, pode-se considerar que, para a religião, a presença se resume no domínio do corpo junto ao viés do

domínio do tempo e o espaço, fundamentando uma categoria sob uma sociedade com hierarquia da Idade Média, isto por que o homem medieval era bastante influenciado pela igreja.

Fato esse propiciado pelo cristianismo - o conjunto das religiões cristãs - comumente é tido pela estrutura social como um campo moral. A igreja tinha influência na vida familiar e no modo de imaginar e vestir. Na Idade Média a ausência de vestimenta era reprimida severamente, tanto os homens quanto as mulheres, incluindo os nobres e camponeses. Eles se vestiam com roupas longas, assim cobriam o corpo, já que era de suma importância moral e religioso do cristianismo.

Neste aspecto, é nítido que a crença e a veneração ao corpo de Cristo cooperam para o eixo central do corpo ao centro da nobreza, fazendo dele um súdito da época. Assim, o corpo de Cristo que comemos, faz saber o seu mistério digno da carne. Logo, a visão que o cristão tem pelo o pão é dar a salvação ao corpo. Assim o corpo era visto a partir da glória que representa a ressuscitação de Cristo. Todavia, o corpo torturado representa a paixão de Cristo, deixado o simbolismo por todo lugar que é a cruz. Em suma, uma forma de lembrar as práticas religiosas pela salvação da natureza humana. Na existência do cristianismo o simbolismo do corpo que é exagerado de sentido próximo, no qual, o corpo magnífico era de preferência na ressurreição.

Na contrarreforma é expressida a visão que a instituição olha sobre o corpo, pois a igreja dever prever com outra ideia de corpo, que é realmente outra compreensão da vida e visão de mundo. Mas, a religião do corpo é ampla na dominação de conhecimento. Contudo, sua contribuição torna clara a transformação que se atua no percurso do período medievais contemporâneo. Apesar disso, a história da atuação do corpo no mundo da religião na época atual é um livro aberto e o mais importante diante de nós:

O corpo de Cristo está no centro da mensagem cristã, e o cristianismo é a única religião na qual Deus se inscreveu na história tomando forma humana: a religião de Deus encarnado. Jesus, o Filho, está presente no mundo no seu percurso humano. Ele nasceu nesta terra, viveu e morreu consumando no sofrimento sua missão: oferecer sua pessoa à vingança pública e seu corpo à perseguição, para salvar os pecadores. Da encarnação à ressurreição é sempre do corpo que se trata, do corpo de um Deus de amor que aceitou sacrificar-se, antes de voltar ao céu por esta sequência última, a ascensão. (GÉLIS, 2012, p. 23).

Salientamos que, o Jesus Cristo que surge na Idade Média proeminente pelos padres em Trento, ainda que coloquem Cristo no eixo central religioso da redenção, concluindo a

cada percurso de sua existência permanente, sobretudo, sua vida, uma importância de conhecimento inevitável. De fato, um modo de mostrar uma doutrina religiosa de personificação do Filho de Deus averiguada pelos homens. No entanto, a visão de um corpo que sofreu agressão, torturas, é posta com certa delicadeza ao olhar dos fiéis. Desta forma, dava a entender a dimensão da vocação ao corpo de Cristo:

A afirmação, pela Igreja, da presença real do corpo de cristo na hóstia durante o sacrifício da missa faz deste corpo o eixo do mundo. O fiel não tem esperança mais bela de comer este corpo divino. Pois a eucaristia é o viático indispensável, a garantia de não sucumbir ao mal, a certeza de se salvar. Assim, o corpo do Redentor está no centro de um complexo no qual se conjugam o alimentar, o sacramental e o escatológico. (GÉLIS, 2012, p. 43).

Contudo, a importância de outra reflexão, que é a interpretação de cristo na hóstia sagrada, assim, o corpo-pão de cristo nessa situação equivale a existência eterna. Sobretudo, o cristão tem realmente conveniência desse pão sagrado ao confirmar sua existência ao corpo de cristo. Eis que então, o corpo de Jesus Cristo sustenta o cristianismo e o cristianismo é parte integrante do corpo de Jesus Cristo. Assim, a comunhão presente surge como posição de necessidade humana:

Porém, não basta receber o corpo de Cristo. É preciso ainda honrá-lo e celebrá-lo. A rápida e maciça emergência do culto do Santíssimo Sacramento que sucede ao culto de Corpus Christi resulta da vontade da Igreja de favorecer essa devoção sob todas as suas formas. No curso da segunda metade do século XVII, ela se desenvolve em toda a Europa Católica. (GÉLIS, 2012, p. 45).

A religião fala por discurso não deixando de comover a imagem dos fiéis e, conseqüente, o sentimento religioso, embate de reviver. Entretanto, cristo e a aparência divina envolvem a relação humana entre o ser homem e Deus. No entanto, a experiência faria forte diferencial no corpo que vive sob a nuvem de peso de consciência religiosa:

No domínio das representações do corpo, onde as evoluções são muitas vezes lentas mutações são perceptíveis no curso dos séculos modernos. Às vésperas da Revolução, o homem não vê mais seu corpo com o mesmo olhar que no tempo da Reforma. É que foram modificadas a consciência da vida e a cosmovisão. Para a Igreja, é indispensável encontrar processos de adaptação e essas mudanças. (GÉLIS, 2012, p.123).

Deste modo, o ser humano ter em si seu corpo como algo apropriado dele, porém, sua nascença é a base semelhante de discussão de um atual corpo, assim, ele se considera ao mesmo período auxiliar da importância do corpo e sua pluralidade de geração. Entretanto, o

clero se propor eliminar esse corpo humano a modificações do maior corpo da comunidade para a preparação do fiel os fins definitivo. De algum modo, é o alto preço de compensar seu nascimento do indivíduo moderno:

Neste contexto, o corpo, longe de ser um lugar de perdição, pode tornar-se, ao contrário, fonte de plena expansão. O que exprime, à sua maneira, a ética protestante. Desatrela a vida dos fins últimos opera uma ruptura essencial na cultura ocidental. (GÉLIS, 2012, p.125).

Todavia, a origem atual é importante da vida, com perspectiva e satisfação que ela insultar, logo não podia acontecer sem que haja sofrimento. No entanto, outra época de mundo, que novo horizonte abre a outro conhecimento do corpo que se sustenta. Após o Concílio de Trento⁸, ocorrido de 1545 a 1563, evolui-se notoriamente o sacramento da confissão, a saber, a centralidade dos discursos religiosos é sobre o corpo e a mente, por isso mesmo, os pensamentos, os desejos, os movimentos simultâneos da alma e do corpo, passam a está nas confissões para o direcionamento espiritual⁹.

A partir dessa perspectiva, a concepção de corpo é compreendida enquanto uma forma de interferir na salvação da alma. Devido a essa ideia, corpo e alma começam a entrar num embate constante, no qual, havia duas alternativas: a vitória do corpo neste embate traria por certo um fim catastrófico (inferno) e a vitória da alma conduziria ao céu. Ou seja, se o corpo ganha esse embate isto significa a vitória do prazer da carne, e a derrocada da alma:

Enquanto a alma é pensada em termos positivos e dotada de imortalidade, o corpo permanece mortal, aquilo que impede o homem de conquistar uma contemplação serena da vida. Considerado seu duplo vergonhoso, o corpo padece e está fadado a padecer, pois, diferentemente da alma, está submetido aos ciclos naturais, às flutuações do desejo, aos perigos da corrupção. (SANT'ANNA, 2001, p. 13).

Com isso, os argumentos e todo discurso, como também as ações religiosas eram todas voltadas à sujeição do corpo e ao seu aprisionamento. A perspectiva central seria que a alma dominasse o corpo fazendo com que surgisse um novo corpo, que é o corpo celestial. Eminentemente, para que este fim seja adquirido a corporeidade passa a ser controlado,

⁸ Conhecido como o Concílio da Contra reforma, devido à Reforma Protestante - ocorreu a evolução da pastoral católica e do sacramento da confissão.

⁹ “De um lado o corpo é desprezado, condenado, humilhado. A salvação, na cristandade, passa por uma penitência corporal. No limiar da Idade Média, o papa Gregório, o Grande, qualifica o corpo de “abominável vestimenta da alma”. O modelo humano de sociedade da alta Idade Média, o monge, mortifica seu corpo”. (LE GOFF; TRUONG, 2006, p.11).

vigiado dentro de diversas instituições, para que seja regrado, disciplinado e obedeça a lógica de salvação da alma.

2.2. A ciência e o corpo: dessacralização

A partir do século XVIII, a política moderna surge com uma lógica diferente, longe de ser aquele que privilegia a ação do homem enquanto agente político, essa nova política visa principalmente definir a própria forma de ser do homem, criando mecanismo de controle, que vão desde a normalização dos corpos ao sujeitamento subjetivo dos indivíduos. Criando assim uma atmosfera que os homens a se inserem em uma lógica constante de aprimoramento de si, de seus corpos, que são essenciais dos sujeitos, mas do desejo político de ter corpos saudáveis para que possam contribuir satisfatoriamente na produção e no lucro e evitar possíveis prejuízos.

Daí provém a grande valorização do saber médico que passa a guiar as pessoas na busca desse melhor fazendo de seus corpos algo que não deve ser aceito como é, mas sim, algo passível de melhoramento constante e infinito:

Neste período (século XVIII), os médicos se tornam figuras centrais cuidando não apenas do corpo individual, mas, ainda, do corpo social. Razão pela qual propuseram inúmeras intervenções privadas e públicas direcionadas para o trato com o corpo, dentre elas preocupação para com a educação dos indivíduos. Ou, ainda uma, educação higiênica, portanto, corporal. (GOELLNER, 2012, p.36).

O corpo é “natural”, uma totalidade de órgãos-sede de método fisiológico e bioquímico, designa-se a localização de doenças pelo saber médico. Assim, houve uma desmitificação, e a ciência tomou as “rédeas” da sociedade, por isso “[...] tanto na medicina como nas outras ciências, torna-se a operação essencial. O corpo é seu principal objeto, embora não seja o único. (FAURE, 2012, p. 14). O corpo é primordial para a ciência, ainda que não seja exclusiva. Os médicos do final da década XIX, também não venha compreender as moléculas, após o movimento de reduzir o corpo já estando fixado:

O discurso a seguir não quer fornecer um balanço exaustivo dos conhecimentos médicos sobre o corpo no século XIX; nem descrever sua evolução. Para isto existem sínteses recentes e excelentes obras de história das ciências. Tampouco tem-se o objetivo de descrever o lento e relativo progresso do poder e do monopólio médicos mas, sim, colocar a questão da formação e da extensão de um código de leitura e de prática do corpo. (FAURE, 2012, p. 15).

Todavia, excessivo e enganoso imaginar que a atuação médica se aplica espontaneamente a toda uma sociedade que demonstra uma finalidade. Por isto, pode se considerar que pela trajetória da leitura de conversa médica mais presente, o sujeito originário da esfera social cada vez mais extenso ter influencia e ser fixado por esse recente código:

Se a medicina transforma-se no principal guia de leitura do corpo e da doença é porque a ciência médica se elabora no seio da sociedade e como resposta e seus questionamentos, e não num universo científico totalmente subtraído da realidade. (FAURE, 2012, p. 15).

A medicina vem tratar de revelar a dinâmica do brotar, do crescer e do curar na abordagem do corpo, assim a técnica se instrumentaliza com a pretensão de modificar as ações e as crenças da sociedade na descrição do corpo. Quando se estabelece o saber médico como guia da forma como devemos conduzir nossa vida, como devemos cuidar de nosso corpo, pode-se entender, que o saber medical conseguiu docilizar os corpos e submetê-los a sua lógica de poder¹⁰. Visto que as nuances que se espalham por todo o tecido social, fazem da medicina a única e verdadeira forma de conhecimento que pode revelar as verdades do corpo:

Além dos cuidados com o corpo em nome da saúde, o que se busca hoje com esse culto exacerbado é, no limite, o ajuste ao modelo de juventude e felicidade permanente que encanta a sociedade contemporânea. Somos afetados pela difusão de informações de que podemos e devemos encontrar as mais recentes soluções para todos os males do corpo, vendidas facilmente nas drogarias ou parceladas em infinitas prestações de uma cirurgia estética. Os discursos sobre a saúde e a estética parecem indissociáveis e convergem para o mesmo imperativo: o cuidado com o corpo. Tal cuidado vem se tornando demasiado, quase uma obrigação diária, gerando por vezes sentimento de culpa naqueles que não podem realizá-lo. Em nosso dia-a-dia surgem obrigações com o corpo quase religiosas, rituais que devem ser seguidos a todo custo em prol de um melhor resultado. (DANTAS, 2010, p. 902).

Nesta nova questão científica os médicos e os cirurgiões que são inovadores irão prosseguir sistematicamente num aumento de poder e controle sobre os fenômenos naturais

¹⁰ “O momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica assim corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”. (FOUCAULT, 1987. 288p.).

do corpo humano. Em suma, o zelo por resolver a doença e retardar o tempo da morte, é articulado de modo a proporcionar uma hegemonia do poder médico sobre as vidas dos indivíduos. Desta forma, cada vez mais minucioso explora o corpo a partir do movimento científico torna importante para a evolução da medicina:

O século XX parece ter sido marcado pela valorização da aparência e cuidar do corpo desde então passou a ser uma necessidade. Uma necessidade alimentada diariamente com o surgimento sofisticado dos produtos light, das mais modernas intervenções cirúrgicas ou as gloriosas e diversificadas atividades físicas. Podemos ainda mencionar a microbiologia, a robótica, a farmacologia e a genética como férteis promessas de um corpo perfeito. (DANTAS, 2010, p. 902).

Assim, a ciência médica vai apreendendo de modo cada vez mais aprofundado e organizado um saber preciso sobre a corporeidade. Na realidade a medicina ela dá a entender que todo o conhecimento científico é superior, pois ao investigar os fenômenos físicos, ao encontrar conexões de causa e efeito entre os diversos estratos do corpo ela passa a demonstrar uma capacidade ilimitada de intervenção e controle da vida. Com isso, ela passa a explorar o interior do corpo humano na utilização de novas descobertas da ciência. Deste modo, a corporeidade passa ser avaliado nas suas práticas, mesmo que não haja uma técnica da ciência adequada para causar seu resultado rápido:

Ainda rara no final do nosso período, a tomada da tensão arterial ilustra o papel dos fatores sociais na difusão das novas práticas de medição. Mostra também como uma técnica de diagnóstico não contenta em revelar uma patologia, mas pode também criá-la. (FAURE, 2012, p. 24).

Em suma, o corpo observado nasce parcialmente esquadrihado pela concepção mecânica do saber médico. A ciência possibilita diferenciar melhor e decidir abranger as necessidades físicas e interferir na realidade natural por meios de técnicas e artifícios tecnológicos.

Cada vez mais profundamente explorado pelos aparelhos, o corpo vai sendo apreendido de maneiras sempre mais refinadas e especializadas. À decomposição do corpo, órgão a órgão e aparelho por aparelho, acrescenta-se uma outra, fundada inicialmente com a prática das autópsias. (FAURE, 2012, p. 25).

Sendo assim, é necessário refletir sobre os aspectos que expressam o poder dessas novas técnicas que se expandem não apenas sobre os indivíduos de modo gradual ou por livre escolha, mas tornaram-se políticas de Estado com pretensões totalizadoras.

2.3. Corpo na contemporaneidade: desafio reconfigurado.

A visão da corporeidade a respeito do corpo coincide de certa razão, com a corrente filosófica contemporânea, quando se trata do homem em relação da importância do atual modelo de corporeidade¹¹. Logo, o corpo na contemporaneidade insiste no caráter da evolução do homem. Para o poder moderno que se levanta enquanto controle total da vida a questão não é apenas afirmar que o homem tem um corpo, mas de que ele é seu corpo: um corporal próprio, um corporal-sujeito, respectivamente um corpo vivo, um corpo mais amplo e múltiplo, reduzindo sua existência aos aspectos da sua corporeidade constitutiva. Portanto, a ênfase está nos meios de modificação, em transformar o corpo e todas as suas múltiplas interpretações, alma, espírito, mente num só princípio material. Por isso, com razão, afirmam a questão da corporeidade é hoje o centro em nossa cultura:

O corpo é um tema particularmente propício a uma análise antropológica, porquanto pertence de pleno direito à estirpe identificadora do homem. Sem o corpo, que lhe dá um rosto, o homem não existiria. Viver consiste em reduzir continuamente o mundo ao seu corpo, a partir do simbólico que ele encarna. A existência do homem é corporal. E o tratamento social e cultural de que o corpo é objeto, as imagens que lhe expõem a espessura escondida, os valores que o distinguem, falamos também da pessoa e das variações que sua definição e seus modos de existência conhecem, de uma estrutura social a outra. Porquanto está no cerne da ação individual e coletiva, no cerne do simbolismo social, o corpo é um objeto de análise de grande alcance para uma melhor apreensão do presente. (LE BRETON, 2011, p. 7-8).

O corpo é do ponto de vista científico, fundamental para articular conceitos centrais para uma teoria da corporeidade. Conclui-se no seu percurso com a pergunta se ainda podemos dar conta da nossa corporeidade num mundo em que homens e mulheres são literalmente submetidos à tirania do artificial e desumano:

Em suma, se somarmos a isso o progresso das ciências e das técnicas da óptica, assim como a evolução dos modos de construção das aparências, esta história das novas maneiras de ver se revela de uma complexidade extrema. (CORBIN, 2012b, p. 256).

¹¹ [...] transformar o corpo num território privilegiado de experimentações sensíveis, algo que possui uma certa inteligência que não se concentra apenas no cérebro. Foi preciso, ainda, libertá-lo de tradições e moralismos seculares, fornecer-lhe um status de prestígio, um lugar radioso, como se ele fosse uma alma. Desde então foi fácil considerá-lo uma instigante fronteira a ser vencida, explorada e controlada. (SANT'ANNA, 2001, p. 70).

Portanto, a ênfase dada pelos meios de conhecimento, as tecnologias médicas e o debate cultural estão empenhados em reconstruir o ser humano, não apenas enquanto uma ideia, ou conceito, mas em sua constituição físico-biológica.

3. CORPO NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS E DESDOBRAMENTO

3.1. A moda como vitrine da performance corporal

O aparecimento da moda é inseparável de uma competição entre as influências culturais e os estilos de vida. Por isso, os estudos anteriores da cultura de massa, da mídia, da generalização de produtos e universalização de práticas não é mais suficiente para compreender o real modelo da gerência do poder político na existência dos indivíduos:

A explicação que se impõe é a que consiste em dizer que as eternas reviravoltas da moda são antes de tudo o resultado de novas valorações sociais ligadas a uma nova posição e representação do indivíduo no que se refere ao conjunto coletivo. [...] A consciência de ser dos indivíduos de destino específico, a vontade de exprimir uma identidade única, a celebração cultural da identidade pessoal, longe de constituírem uma epifenômeno, tem sido uma “força produtiva”, o próprio motor da mutabilidade da moda. (LIPOVETSKY, 2004, p. 18).

Porém, perceber naquele momento que, na economia da atitude do indivíduo, a condição da moda como disputa de valores e do culto de certos modelos ideias, produz os limites no qual a representação social circula. A função da moda e do consumo é estabelecer limites, porém, dentro desse limite fixa-se certos padrões que são utilizados e reutilizados, o novo torna-se velho e o velho torna-se novo, já não importa o sentido do produto, mas a retórica que incentiva o círculo vicioso dos padrões impostos. No entanto, esses padrões são cada vez mais multiplicados, e até mesmo, vendidos como anti-padrão, anti-sistema, anti-consumo, etc.

Pensar assim seria não perceber os efeitos positivos da lógica da moda e do consumo que, pouco a pouco, nos tornaram indiferentes às mensagens publicitárias e aos objetos industriais. Em contrapartida, esse descontentamento com o mundo do consumo possibilitou uma conquista de autonomia pessoal, multiplicando as oportunidades de escolha individual e as fontes de informação no referente aos produtos. (LIPOVETSKY, 2004, p. 41).

Assim, uma negação a mídia pode ser analisada numa ação do seu culto em relação ao seu poder normal, assim é preciso salientar o seu lado positivo. Porém, a história do indivíduo

moderno, consumo moda e mídia representa um papel importante, no sentido pela totalidade do corpo social e os valores partilhados numa cultura:

Às visões entusiásticas do progresso histórico sucediam-se horizontes mais curtos, uma temporalidade dominada pelo precário e pelo efêmero. Confundindo-se a derrocada das construções voluntarista do futuro e o concomitante triunfo das normas consumistas centradas na vida presente, o período pós-moderno indicava o advento de uma temporalidade social inédita, marcada pela primazia do aqui-agora. (LIPOVETSKY, 2004, p. 51).

O mundo do consumo e da movimentação da massa é substituído pelo poder da escolha individual, pelo gozo e pela alegria de uma vida que procura encontrar sua própria identidade dentro das opções oferecidas: “Aquelas análises do desejo e do gozo, do consumo e da mídia, tinham o mérito de subverter os domínios teóricos separados, de revitalizar a crítica da economia política ou libidinosa, de abrir um além-do-político ao compor como que odes a uma revolução transpolítica. (LIPOVETSKY, 2004, p. 112). O processo de corresponder algo que lhe dá prazer, tanto em consumo como na mídia, era questão de merecimentos consegue os conhecimentos teóricos posto a distância, instigar a crítica no consumo político ou condição, de por visível que venha a ser além do político ao constituir como destinado a uma transformação política:

A moda não pertence a todas as épocas nem a todas as civilizações: essa concepção está na base das análises que se seguem. Contra uma pretensa universalidade trans-histórica da moda, ela é colocada aqui como tendo um começo localizável na história. Contra a ideia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamos-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental. (LIPOVETSKY, 2009, p. 24).

Todavia, a moda não faz parte de todo período nem a toda as sociedades: essa percepção se baseia de análise que o homem prosseguir. Sua objeção a uma exigência universal da trans-história da moda, pois a moda se coloca como centro da história. Contrário do pensamento de que a moda na natureza é a união à vida ao homem-social, afirma como um método excelente, integrante do que nascer e do crescimento do universo moderno ocidental:

Pensar a moda requer não apenas que se renuncie a assimilá-la a um princípio inscrito necessária e universalmente no curso do desenvolvimento de todas as civilizações, mas também que se renuncie a fazer dela uma constante histórica fundada em raízes antropológicas universais. (LIPOVETSKY, 2009, p. 24).

Desse modo, a moda exigir não querer renunciar técnica a um início e deixa registrado o essencial, e mundialmente no movimento do progresso de todas as sociedades civilizadas, porém quer se renunciar e realizar ela como permanente período forte e reisdado com a evolução mundial:

É antes de tudo à luz das metamorfoses dos estilos e dos ritmos precipitados da mudança no vestir que se impõe essa concepção histórica da moda. A esfera do parecer é aquela em que a moda se exerceu com mais rumor e radicalidade, aquela que, durante séculos, representou a manifestação mais pura da organização do efêmero. (LIPOVETSKY, 2009. p. 25).

Entretanto, aquilo que era luz das transformações de elegância no padrão apresado do modo de vestir que se estabelecer compreensão do tempo da moda. Portanto, parece que a moda desempenha com mais revolta em transformação imediata, no curso de época, com a representação do movimento mais claro no progresso permanente:

De um lado, os fluxos e refluxos que alimentam as crônicas da elegância. Do outro, uma surpreendente continuidade plurissecular que reclama uma história da moda a muito longo prazo, a análise das ondas amplas e das rupturas que alteraram sua ordenação. Pensar a moda exige que se saia da história positivista e da periodização clássica em séculos e decênios, cara aos historiadores do vestuário. (LIPOVETSKY, 2009. p. 26).

Em síntese, há dois lados, os fluxos e os refluxos, ambos sustentam as polêmicas do modismo. Mas, existe outro lado que surpreende e dá continuação secular a autoridade do tempo da moda uma distância de período, a relações das ondas abrangentes e das divisões que alteram a ordem. A reflexão da moda estabelece que se proteja do tempo positivo e de se periodizar em simples épocas e décadas:

Certamente, não que essa história não tenha legitimidade: é o ponto de partida obrigatório, a fonte de informação incontornável de toda reflexão sobre a moda. Mas ela reforça demasiadamente a ideia de que a moda não é senão uma cadeia ininterrupta e homogênea de variações, marcada a intervalos mais ou menos regulares por inovações de maior ou menor alcance: bom conhecimento dos fatos, pouca compreensão da originalidade do fenômeno e de sua inscrição real na grande duração histórica e no conjunto coletivo. (LIPOVETSKY, 2009. p. 26).

De certa forma, não que a época não seja legítima, parte de ponto certo obrigatório, local de conhecimento que se pode enfrentar dando ênfase sobre a reflexão da moda. Porém, ela acentua a lógica de que a moda não é senão um processo constante em dimensão e em variação, onde a pausa mais ou menos das novidades podem ter ou não alguma importância:

Com o esclarecimento importante de que as rupturas de regime não implicam automaticamente transformação completa e novidade incomparável: para além das grandes discontinuidades, normas, atitudes, processos se repetiram e se prolongaram; do final da idade média a nossos dias, a despeito das inflexões decisivas de sistema, comportamentos individuais e sociais, valores e invariantes constitutivos da moda não cessaram de reproduzir-se. (LIPOVETSKY, 2009. p. 26-27).

Entretanto, a época do pensamento e dos acontecimentos da moda, pontua momento definitivo, de desconfiança com relação aos processos históricos de longa duração. Desse modo, a transformação passa a ser observada no banal, no micro, no cotidiano, os detalhes ou pequenos eventos contam mais do que os vastos movimentos que encobrem a multiplicidade viva das escolhas individuais:

A moda muda incessantemente, mas nem tudo nela muda. As modificações rápidas dizem respeito, sobretudo aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito mais estáveis. A mudança de moda atinge antes de tudo os elementos mais superficiais, afeta menos frequentemente o corte de conjunto dos trajes. (LIPOVETSKY, 2009. P. 33-34).

Contudo, a moda troca constante a transformação acelerado e com razão, especialmente serve para isso de complemento, a delicadeza do ornamento e amplo, quanto a estrutura do vestir e o sistema geral são mais firmes. A transformação de moda abrange não o essencial, mas o elemento vago, o hiato entre duas variáveis, a sua transformação é possível pois ela ocorre sobre um fundo estável:

Impossível separar essa escalada das modificações superficiais da estabilidade global do vestir: a moda só pôde conhecer tal mutabilidade sobre fundo de ordem; foi porque as mudanças foram módicas e preservaram a arquitetura de conjunto do vestuário que as renovações puderam disparar e dar lugar a “furores”. Certamente, não que a moda não conheça igualmente verdadeiras inovações, mas elas são muito mais raras do que a sucessão das pequenas modificações de detalhe. (LIPOVETSKY, 2009. p. 34).

Logo, o corpo fabricado, é atravessado por uma série complexa de intensões e interesses da cultura e da história, porém, há um fundo comum de onde forças constantes permanecem a controlar o destino dos indivíduos.

3.2. A superficialidade como paradigma do corpo

É necessário observar por trás de toda aparência, detectar o envolvimento global de determinado padrão visual dos corpos. Com a consciência de que, embora difícil, é possível falar do exterior do corpo¹². A história moderna pode ser narrada como resultado da valorização do cuidado do corpo e do prazer que se tornaram prioridades para os indivíduos contemporâneos.

Na atualidade busca-se constantemente transformar o método a ser utilizado para transformar os corpos. Portanto, há uma preocupação generalizada pelo aperfeiçoamento da aparência e da autoestima, os sujeitos procuram absorver por todos os meios às informações necessárias para quantificar e qualificar o desempenho do corpo:

A cosmetologia as engloba, dando um estatuto positivo à maquiagem que, a partir de meado século XX, serve para tratar, prevenir e corrigir os efeitos da aparência [...] a cosmetologia contribui para enfatizar a importância da superfície dos corpos. (SANT'ANNA, 2001, p. 3).

A saber, a cosmetologia abrange como resultado positivo aproximadamente no século XX, os efeitos de prevenir e corrigir o exterior do corpo. Logo ela dá ênfase e mérito da superfície corporal. Porém, a sua autoimagem, dá importância às conquistas do seu exterior no mundo moderno. Entretanto, o indivíduo está sempre em busca de modificar o seu exterior. A busca contemporânea se encarrega em materializar essa transformação em imagem exterior, como reconhecimento de uma identidade:

Já a indústria da beleza introduz nesse interior supostamente desvelado a necessidade de incessantes reconstruções que vão dos cosméticos às cirurgias plásticas, passando pelos regimes e ginásticas. Pois numa época em que a beleza não é mais considerada um dom divino, mas o resultado do trabalho cotidiano, que depende principalmente de cada um, não basta modificar a aparência de modo provisório. É preciso alcançar o corpo todo, total como prometem os anúncios de medicamentos ligados à produção da boa forma. (SANT'ANNA, 2001, p.13).

A ação transcorre por meio de uma constante construção superficial de cirurgias plásticas, percorrendo as escolhas momentâneas, e os padrões de beleza do momento. O belo já não é uma ideia, uma visão do perfeito, do modelo, antes o belo torna-se provisório, frágil,

¹² O indivíduo contemporâneo parece considerar o corpo o terreno sólido em que realiza esses ideais pregados pela sociedade contemporânea. O indivíduo parece manter com o corpo, visto como seu melhor trunfo, uma relação de terna proteção e de esgarçamento de seus limites, da qual retira um benefício narcíseo e social, pois sabe que na maior parte das vezes, é a partir dele que são estabelecidos os julgamentos de felicidade, saúde e beleza. (DANTAS, 2010, p. 907).

leviano, pobre de significados. Portanto, o corpo é momentâneo ao processo de uma sociologia do corporal e de uma cosmetologia do modelo do corpo.

Sendo assim, o que realmente determina o período contemporâneo é a transformação dos corpos ou a necessidade de controle do corpo, uma intensa naturalização das dietas emagrecedoras e do controle do peso corporal para manter a aparência¹³. Na atualidade uma menção global sobre o tema corpo exterior da estética corporal, resume uma parte de exercício e uma perspectiva cosmetologia. Porém, no ponto de vista pode parecer algo sem importância, mas é exatamente nesse ponto que se pode observar uma transformação notável da história da busca pela qualidade corporal do exterior, e de um tipo particular de cultura envolvida ou enredada nessa busca indefinida de si mesmo.

3.3. A economia subjacente à corporeidade

A corporeidade para ser perfeita corresponde a um desafio e junto a vários desdobramentos em prol de sua transformação, possui na economia, ou nos processos econômicos do capital, a referência básica de um ritmo acelerado que sempre busca a sua própria superação. De certa forma, a ideia da saúde, ou do bem-estar foi abandonada, ideias nascidas no século XX, mas desprezadas no século XXI, há uma reviravolta ou paroxismo nessa nova concepção corporal, pois a fabricação do corpo admite que o indivíduo corra riscos em cirurgias experimentais ou desnecessárias:

Essa espécie de esquecimento foi alimentada pelos fantásticos progressos da cirurgia plástica e da dermatologia, desde meados do século XX. A partir de então, a procura do rejuvenescimento parece ter saído definitivamente da zona utópica para se realizar nos corpos. Por meio de intervenções, há muito consideradas radicais, a publicidade contemporânea das plásticas promete a conquista de uma coincidência extrema entre os desejos pessoais e a aparência corporal. Tudo se passa como se esta última não pudesse mais discordar daquilo que um ser humano deseja para si, ou como se a milenar diferença entre essência e aparência deixasse de fazer sentido (SANT'ANNA, 2010, p. 75).

¹³ Esculpir, modelar e transformar são verbos muito presentes nos discursos diários sobre o corpo e verbos fortemente endossados pelo saber médico. Estamos falando de uma tecnologia a serviço de uma suposta melhoria no corpo. Parece que nossa relação com o corpo encontra-se atravessada pelo nosso momento histórico e por um olhar de intervenção médico que nos diz exatamente como enfrentar e alterar as mudanças do nosso corpo. Situações antes consideradas normais de serem enfrentadas durante a vida estão sendo majoritariamente tratadas e solucionadas pela medicina. Buscamos os últimos tratamentos de emagrecimento, o novo ácido capaz de retardar o envelhecimento, a cirurgia capaz de transformar o corpo em obra de arte. (DANTAS, 2010, p. 903)

O indivíduo como espécie de ser esquecido no tempo foi alimentado pelo grande progresso dos milagres das cirurgias plásticas. Só a partir daí que começou a procura do rejuvenescimento, uma definição saída do imaginário para o corporal:

Historicamente, a busca por uma fonte da juventude caracterizou inúmeras culturas e sociedades. Em vários momentos da história, ela pareceu ter sido cobrada mais intensamente das mulheres do que dos homens. E, muitas vezes, a cirurgia plástica foi considerada uma espécie de solução adotada por último, quando os remédios ou cosméticos não faziam mais efeito. Ora, são justamente essas duas tendências que se modificaram rapidamente no decorrer do último século, pois o mercado masculino da beleza e, em particular, do recurso às cirurgias, vem crescendo de maneira expressiva, visto que para ambos os sexos sua adoção deixou de ser considerado o último recurso. (SANT'ANNA, 2010, p. 76).

Melhor dizendo, a história da busca sobre uma eterna juventude tem correlato em várias culturas e comunidades. Contudo, a cirurgia plástica e os medicamentos produzem uma resposta ou solução para os anseios do homem que não mais admite a sua mortalidade.

O mesmo ocorre com o fato de se sentir satisfeito com o próprio corpo. A reconstrução das aparências é uma estratégia cada vez mais bem aceita e naturalizada para se obter uma infinidade de vantagens que vão da mais-valia amorosa ao sucesso econômico, passando pela melhoria do que hoje se convencionou chamar de autoestima. (SANT'ANNA, 2010, p.25- 76).

Porém, o referido sucesso e mesmo a obtenção de satisfação pode tornar-se uma armadilha para os indivíduos, prisioneiros agora de uma alucinação, ou histeria coletiva que procura adequar-se a cada momento ao novo modelo corporal, que busca por meio de cirurgias e intervenções cada vez mais radicais construir uma personalidade ou uma identidade, esta sempre refém dos poderes exteriores que impõe a cada momento uma nova e impossível felicidade.

CONCLUSÃO

Na linha do tempo a partir do século XX desenvolve-se um novo cenário que propiciou um novo campo de interpretação sobre o corpo, no qual ele passa ser o lugar de transformações que buscam a bela aparência e o bem-estar, paradigmas que norteiam a forma de se relacionar dos sujeitos, constituindo a partir daí toda uma operação subjetiva, que encara o corpo como uma instancia simbólica e material que se realiza em processos de transformações constantes. Isso é observado quando se analisa a inserção do uso de cosméticos, nas academias, nas dietéticas, sob o julgo do saber médico, que coincide com uma estratégia moderna de manipulação, sendo este um efeito de atuação social e cultural.

As tendências de desejos por mudanças nos corpos podem ser considerados o paradigma de nossa época, que sai de uma vertente mecânica para a perspectiva corporal, a saber uma maneira de se relacionar com a própria condição do corpo, ou seja, o sujeito sente-se bem com seu corpo no momento em que pode interferir sobre ele, buscando padrões estéticos preestabelecidos, assim, tanto a mídia como o capital detêm para si o papel de principais difusores a influenciar na maneira como o individuo moderno tende a compreender a si e a seu corpo.

Com base no desenvolvimento desta pesquisa, concordamos com o pensamento dos autores que nos ajudaram a entender a problemática, analisando suas nuances históricas até chegar aos dias de hoje. Um diálogo baseando naquilo que capitamos na experiência do dia a dia as reflexões de autores consagrados. De certo, o significado do termo “corpo fabricado”, é utilizado para entender a ideia de construção artificial, de modificação dos indivíduos e dos grupos, de uma determinada cultura.

Apresentamos a ideia de que o significado do corpo contemporâneo é suscetível às influências sociais-políticas e tecnológicas da atualidade. Onde se buscou apresentar uma abordagem entre cristianismo e ciência: a discordância entre as experiências religiosas e as novas perspectivas que procuram remodelar os corpos, ocorre deste modo a dessacralização da vida e a valorização do saber médico que conduz o indivíduo a buscar o aperfeiçoamento contínuo de seu corpo. Em síntese observamos como o corpo individual tornou-se uma dimensão onde novos poderes de controle se constituem.

Portanto, identificamos que o corpo está sujeito às diversas forças exteriores no mundo contemporâneo, especialmente o poder da moda, do capital e da medicina desenham sobre ele

uma nova identidade, ou melhor, uma destruição da identidade anterior, em prol de uma ideia econômica de corporeidade. Deste modo, não é exagerado evidenciar que o modo da subjetivação contemporânea se desdobra da capacidade econômica de desconstruir a concepção econômica de corpo e fabricar uma nova subjetividade que nasce especialmente a partir da interiorização de um padrão corporal, como também do controle dos corpos, e da destruição dos velhos símbolos culturais em favor dos interesses e fenômenos produzidos pelas novas tecnologias, pelo saber médico, e pelo interesse político do Estado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORBIN, Alain. A influência da religião. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org) **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012a.

_____. O encontro dos corpos. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org) **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012b.

CASTRO, Ana Lúcia de. **Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea**. Perspectivas, São Paulo, v. 31, p.137-168, jan./jun. 2007.

DANTAS, Jurema Barros. **Um ensaio sobre o culto ao corpo na contemporaneidade**. Universidade Veiga de Almeida – UVA, Rio de Janeiro, Brasil. 2010.

FAURE, Olivier. O olhar dos médicos In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org) **História do corpo: Da Revolução à Grande Guerra**. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. 4. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

FERNANDES, Maria Helena. **Corpo** / Maria Helena Fernandes. -- 4. ed. -- São Paulo: Casa do Psicólogo®, 2011. -- (Coleção clínica psicanalítica).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**; Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GÉLIS, Jacques. O corpo, a Igreja e o sagrado. In: CORBIN, A; COURTINE, J; VIGARELLO, G. (Org) **História do corpo: Da Renascença as Luzes**. Tradução de Lúcia M.E. Orth. 5. Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In. LOURO; FILIPE; GOELLNER. (Org) **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo**. 8.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LE BRETON, David, (1953). **A sociologia do corpo**. 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. **Antropologia do corpo e modernidade**. Trad. Fábio dos Santos Creder Lopes. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do corpo na Idade Média**. Tradução Marcos Flamínio Peres. - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**; tradução Maria Lucia machado. — São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **Os tempos hipermodernos**; tradução Maria Lucia machado. — São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

RODRIGUES, José Carlos. **O Tabu do Corpo**. – Rio de Janeiro: Edições Achiamé Ltda., 1975.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Entre o corpo e a técnica: antiga e novas concepções.** Motrivivência, Santa Catarina, n.15, p.13-24, 2000.

_____. **A força e a alegria na construção histórica das representações corporais.** Niterói, v.10, n.2 p. 63-77. Set.. 2010

_____. **Corpo: objeto de estudo** **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea.** São Paulo: Estação Liberdade, 2001.127 p.

SILVA, F; SILVA, Luis; LÜDORF, S. **A Educação Física no Ensino Médio: um olhar sobre o corpo.** Porto Alegre: Movimento, v.21, n.3., p.673-685, jul/set. de 2015.

SILVA, Paulo Alexandre Gomes da Cunha e. **O lugar do corpo: elementos para uma cartografia fractal.** 1995. 303p. Dissertação (Doutoramento em ciência do desporto) Faculdade de ciências do desporto e de educação física. Universidade do Porto. 1995.

VERISSIMO, Danilo Seretta. **A primazia do corpo próprio: posição e crítica da função simbólica nos primeiros trabalhos de Merleau- ponty.** São Paulo: Editora UNESP, 2012. D189p.